



"Muitas mulheres não consideram que sofreram violência doméstica"

MARIA FERNANDA TERRA, ENFERMEIRA

Machismo impede igualdade dos sexos

Discussão sobre o papel do homem na renda familiar é o ponto principal na questão dos gêneros



Trabalho doméstico ainda permanece relacionado à figura feminina

Marina Salles

Discutir o machismo é algo que incomoda tanto mulheres quanto homens. É difícil entender como esse valor, considerado negativo, se inseriu em nosso cotidiano de tal forma que chega a ser visto com naturalidade.

"Lavar louça é coisa de mulher", pensa o filho de Maria Elenice dos Santos. Segundo ela, o menino ajuda a recolher a roupa, carregar sacolas e lavar o banheiro,

mas prefere não ajudar nas tarefas que, em sua opinião, são mais femininas. Com tantas mudanças no quadro de atuação da mulher na sociedade, ainda permanece a questão do porquê existem tarefas que são consideradas exclusivas delas.

Na opinião de Lourenço de Jesus, "às vezes o machismo é errado e pode ser resolvido se as pessoas conversarem mais" em casa, por exemplo. Para Maria Elenice, "o machismo já é normal", mas

ela acredita que seja possível reverter essa situação. Segundo ela, os pais têm o dever de dar o exemplo aos seus filhos para ajudar a construir uma visão mais igualitária entre os sexos.

No caso da diferença de salários entre o gênero masculino e feminino, não há consenso nem entre as mulheres. Resultado de um conflito de gerações, as opiniões variam conforme a percepção das mudanças na posição social da mulher ao longo do tempo.

Para a moradora Estefânia Novaes, 19 anos, "não deveria existir essa diferença", opinião da qual Maria Elenice, 34 anos, discorda. Segundo ela, "os homens têm mais responsabilidade de sustentar a família". Ela acrescenta ainda que "muitas mulheres continuam suportando agressões por não terem como se sustentar sozinhas". Nesse sentido, defende que elas tenham alguma indepen-

dência financeira e que, se preciso, tomem coragem para abandonar o lar e criar seus filhos longe da violência doméstica.

A luta por direitos iguais e pelo aumento da participação feminina no mercado de trabalho são ações importantes no combate ao machismo e devem ser cultivadas para ajudar a diminuir as diferenças entre homens e mulheres.

Mulheres recebem 27,7% menos que homens



Fonte: IBGE (2009)

Cinco anos de Maria da Penha: pouco mudou

Lei tornou mais rígidas penas de violência contra mulher, mas são poucas as que recorrem a ela

Marina Salles

A Lei Maria da Penha, que criminaliza a violência contra a mulher, completou cinco anos no dia 26 de setembro. Tendo aumentado o rigor das punições à violência doméstica, física ou psicológica. Agora, os agressores podem ser presos em flagrante.

Segundo Eduardo Ariento, professor da USP e formado em Direito, "em casos em que a vítima

sofre um alto risco à sua integridade física, justifica-se a prisão preventiva do agressor".

No entanto, a maioria das mulheres que já sofreram agressão não recorre à denúncia policial. Em depoimento ao NJSR, uma delas contou: "sabia da delegacia, mas achei que o melhor castigo era o desprezo". Para ela, ao ver-se sozinho, o ex-marido perceberia o que tinha perdido. Outra moradora disse que a falta de

atitude diante das agressões faz com que isso se torne costume. "Quem bateu a primeira vez, vai bater mais vezes e o agressor não merece uma segunda chance".

O Centro de Saúde e Escola (CSE) disponibiliza serviços voltados para conflitos familiares difíceis, realizando um trabalho conjunto com outros profissionais das áreas jurídica, psicossocial e policial. A enfermeira Maria Fernanda Terra defende: "a saúde

não dá conta sozinha, até porque muitas mulheres não conseguem dizer que sofreram violência, sendo necessário fazê-las reconhecer a condição em que vivem".

No CSE também são feitos atendimentos ao agressor nos casos em que ele se propõe a esse diálogo. São discutidos assuntos como os direitos humanos, questões de gênero e temas ligados à saúde, os quais envolvem vícios como o álcool e as drogas.